

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci3771unse>

REVISTA INTERNACIONAL

LAP DO ESPIRITISMO

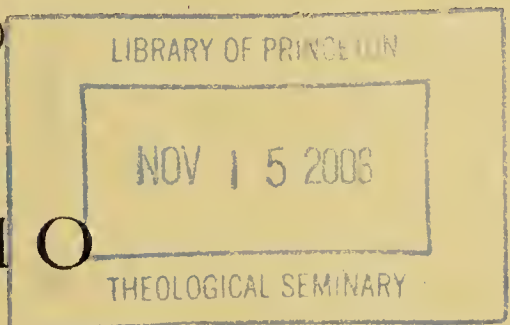
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



A Prova Racional da Sobrevivência	<i>André Frindel</i>
Autenticidade dos Evangelhos	<i>Carlos Imbassahy</i>
O Espiritismo é a Religião	<i>Noraldino de Mello Castro</i>
Revides aos Rebates do Dr. Osmard	<i>V. O. Casella</i>
«A Psicanálise perante a Parapsico- logia»	<i>Deolindo Amorim</i>
Hipnose e Espiritismo	<i>Osmard Andrade</i>
A Cadeira de Parapsicologia	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
Serões Bíblicos	<i>Luiz Caramaschi</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo grande, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.\$ 260,00.

O DIABO E A IGREJA em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

É um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : Cr.\$ 50,00

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. É, pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernada cr.\$ 200,00 ; Brochura cr.\$ 140,00

Obras mediúnicas recebidas pelo
médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evngelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

A Prova Racional da Sobrevivência

André Frindel (Paris)

E' costume provar a sobrevivência invocando os fatos paranormais, isto é, os sonhos premonitórios, a telepatia, a clarividência, a psicomетria, as alucinações verídicas, a *xenoglossia* e, enfim, as correspondências cruzadas. Há aí explicações subjetivas de caráter intelectual. Em todos os casos, a intervenção de um médium é necessária e, para nós espíritas, o médium é um intermediário entre inteligências do além e nós mesmos. E essas inteligências mais não podem ser que espíritos humanos desencarnados. Igualmente nos casos espontâneos, a pessoa que percebe um fato visual ou auditivo é um médium sem sabê-lo, excepcionalmente escolhido por entidades espirituais para a divulgação de suas mensagens, ou de clichés imaginados.

Mas são estas provas, *de aparição*, ao mesmo tempo material e intelectual as únicas que podem confirmar nossa certeza espiritista e fundamentar nossa convicção absoluta? Assim não pensamos. Outra evidência, não menos absoluta, pode ser obtida mediante o exame dos fenômenos de caráter biológico e físico, ou de natureza magnética. Em sua origem há uma força que também provém do médium, física sem dúvida em seus efeitos, mas psíquica em sua causa.

Além disso, é êsse o nome que lhe

deu William Crookes. Em seus efeitos biológicos, essa força mumifica tecidos vivos, mesmo à distância; em seus efeitos magnéticos e sob o vocábulo fluido, obtem melhora no estado de um enfermo, que algumas vezes volta definitivamente à saúde; melhor ainda, se o estado de um paciente é suficientemente passivo, hipnotiza-o e o adormece. Em fim, quando a força psíquica emana de um médium poderoso, opera uma levitação, isto é, sem contacto dos músculos, é capaz de levantar e transportar objetos pesados, à distância. Então o fenômeno toma o nome de *telekinesia*.

Para ser breve, como justamente o diz André Dumas em sua obra *A Ciência da Alma*: «Nêste ponto do nosso estudo, justo é afirmar que existe no ser vivente, uma forma de energia capaz de exteriorizar-se FORA do organismo físico.»

É preciso acrescentar que essa força é imaterial. isto é, que vemos o efeito que produz, não se percebendo sua causa.

Muito diferente é o que sucede na manifestação da força física. Esta provém do corpo humano e dá lugar a um visível esforço físico proveniente dos músculos e dos nervos do homem. Quer lancemos um balão a uma distância máxima, quer corramos ou nademos em ocasião de uma competição, estiramos os músculos ao extremo para obter o

efeito mais favorável. Contrariamente à força psíquica, em seus efeitos e em sua causa, é puramente material.

Isto assente, examinemos o que ocorre com essas duas forças no momento da desapareição definitiva do composto humano, isto é, depois da morte. Do ponto de vista físico, Wietrich declara em seu livro «O Enigma da Morte»: «Sabe-se agora, segundo as ressonantes descobertas da física, que um corpo pode desagregar-se e perder suas formas exteriores, desprendendo-se uma força radioativa em seus costados. Esta radiação dos corpos radioativos não vai se perder no nada o que nenhum sentido teria. É uma metamorfose do corpo primitivo em uma outra realidade mais rica e delicada. Esta descoberta da física moderna não é de pouca importância. É abundante em conseqüências.» De um ângulo diferente, o Abade Moreau (ex-diretor do Observatório de Bourges, e, portanto, homem de ciência) escrevia: «Os átomos materiais e as forças que o manifestam tornam a cair na circulação do cosmo e participam das novas combinações químicas.» Acrescenta que a substância persiste e que se a forma pode mudar, permanece o sustentáculo, (a base).

Assim sucede em razão da grande lei da conservação da energia, energia cuja quantidade permanece constante no Universo. Nada se cria, nada se perde — diz esta lei, — tudo se transforma.

Mas, então nós expomos a pergunta. Se os átomos que compõem a força física não são destruídos, porque o será à força psíquica, e porque seria ela aniquilada? Nenhuma razão existe para que assim seja. Da mesma maneira, não há razões, por poucas que sejam, que a força psíquica não anime e dirija, com inteligência, a matéria que constitue a força física. Tanto mais ela sobrevive ao corpo quanto lhe é superior e dirige tôdas suas manifestações. De qualquer maneira ela continuará para sobreviver; compete à filosofia espiritista nô-lo explicar. Porém uma coisa é inquestionável: a inteligência, alma ou espírito, que é a força psíquica que sobrevive, prossegue na sua evolução depois da morte, fora do espaço e do tempo que não mais lhe pertencem. E nós concluimos com o Abade já citado: «Com as forças de igual natureza ela constitue um universo a parte, que nada mais tem em comum com o que nós habitamos.»

Autenticidade dos Evangelhos

CARLOS IMBASSAHY

— II —

(Conclusão do Capítulo II)

De Artur Findlay:

«A Igreja Cristã não tem base histórica para o que estabelece com relação a Jesus. Suas pretensões baseiam-se na tradição ou nas histórias que passaram de mão em mão, e ninguém terá a possibilidade de dizer, agora que a imprensa os registra, que estão semelhantes aos originais.» (*The Rock of Truth*. 1933).

Do mesmo autor em *Christian Religion*:

«Os livros do Novo Testamento não são documentos históricos; ninguém sabe quem os escreveu; ninguém declara ter visto os documentos originais, ninguém conhece quando foram escri-

tos. Alguns calculam as datas de origem, porém não há nada ao certo». Id., id. p. 41,

E mais:

«Sem dúvida, a figura central do Cristianismo está envolta em incertezas, e o motivo, segundo Gibbons, é devido ao escasso e suspeito material da história eclesiástica; esta raramente nos facilita dissipar as nuvens escuras que pairam nas primeiras idades da Igreja.»

E ainda:

«O Novo Testamento, como o conhecemos, consiste de livros onde tudo é desconhecido, origem e autores. Nenhum dos livros da Bíblia é hoje o que era em sua forma original. Foram escolhidos sem exame (*incritically*) por ignorantes, cheios de superstições.

O que era simples tradição passou

a livro sagrado, inspirado por Deus, palavra por palavra, e os cristãos foram exortados a seguir todos os enganos e pias contradições.»

*

O mais de admirar é que recorrendo-se ao Dr. Davidson, autoridade bíblica, diz-nos êle que só 170 anos depois do nascimento de Jesus é que assumiu forma a coleção dos documentos cristãos e só daí em diante foram uns considerados com mais autoridade que outros. Extrairam-se arbitrariamente (*incritically*), da tradição e gradualmente foram sendo levados à classe de documentos divinos. Os primitivos Pais, responsáveis por essa escolha, eram crédulos, imprudentes apaixonados e parciais (*were credulous and blundering, passionate and one sided.*)

O Dr. Thornburn (*The Historic Jesus*) assegura que o relato do nascimento de Jesus e outras notas que deveriam existir em Jerusalém, desapareceram sem deixar vestígio.

F. C. Conybeare (*The Historical Christ*): — O método crítico esforça-se por destacar na tradição de Jesus o verdadeiro do falso, o fato do mito; êle mostra que na sociedade pagã o mito interveio consideravelmente e envolveu a pessoa do Cristo como uma grossa névoa os píncaros de um monte.

Na crítica moderna destaca-se Henri Delafosse, que escreveu um trabalho especial sobre *Le Quatrième Évangeli*. O autor declara estar firmado na crítica quando lhe nega qualquer valor histórico. Acentua que «as numerosas e rigorosas pesquisas a que foi sujeito nêstes 25 ou 30 anos, concluem que êle foi composto fora de qualquer preocupação histórica.» Considera-se provado, afirma Delafosse, que aquêle Evangelho não passa de uma longa ficção.

Na *Revue d'histoire et de littérature* prova-nos ou procura provar-nos, que a carta de Policarpo e de Inácio são posteriores a 150, sendo que a 2.^a é apócrifa e a 1.^a foi muito alterada. Ora, essas cartas eram documentos a favor do Evangelho.

*

O Padre Hontin (*La question biblique au XX siècle*) assegura que os cristãos de nascença negavam o valor

histórico do Evangelho. Os seus correligionários posteriores deram de ombros. Hoje, porém, até a Igreja está preocupada com o assunto.

*

Interessante ainda é ouvir um escritor católico :

«Todos os Evangelhos são posteriores a S. Paulo e só no fim do 4.^o século, no ano 397, graças a Santo Agostinho, chegou o Novo Testamento a ser definitivamente redigido e formado das 27 obras distintas que o constituem.»

E em nota :

«Mesmo no Evangelho de Marcos, como observa Bossuet, não temos uma biografia do Jesus histórico, mas uma série de anedotas justapostas. E eu acrescento:—justapostas arbitrariamente, ora para atender a uma intenção apologética, ora sem razão, ao acaso. Um estudo comparativo dos episódios paralelos dos três sinópticos e uma análise rigorosa do texto de cada um, conduz à inevitável conclusão de que nenhuma narrativa se acha em seu lugar histórico verdadeiramente exato. (Foi Bultmann: *Gesch der synaptischen Tradition*, Gottingen, 1921, quem realizou com maior vigor essa inquirição. Cr. M. Goguel: *Jesus de Nazareth, Mythe ou Histoire?* Paris, 1925, pág. 230 e seguintes.)

«Mesmo o pequeno esquema da vida de Jesus, que Marcos nos oferece, e ao qual a tradição cristã, na falta de outro remédio, se conformou, tem tôdas as probabilidades de não ser senão uma invencionice do redator.» (Ivan Lins, *A Idade Média*, pgs. 91).

De Will Durant :

«A tradição ortodoxa põe o Evangelho de Mateus em 1.^o lugar. Irineu descreve-o como originariamente composto em hebraico, isto é, em aramaico. Mas só chegou-nos a forma grega. E desde que aparentemente reproduz Marcos e provavelmente também a Logia, a crítica se inclina a atribui-lo a um discípulo de Mateus, antes que ao próprio publicano.

Como Mateus, Lucas toma muita coisa de Marcos. Dos 661 versículos dos textos de Marcos, 600 são reproduzidos por Mateus e 350 por Lucas; muitos dêles palavra por palavra. Muitas passa-

gens Lucas as tirou de Mateus, ou Lucas e Mateus tomaram-nas de alguma fonte comum.»

*

Para melhor documentar êste esboço, poderíamos valer-nos de várias outras citações e recorrer a diversos historiadores. Mas, em geral, baseiam-se em Renan, considerado pela crítica imparcial, como um dos maiores pesquisadores das fontes do Cristianismo, e por isto nêle nos detivemos um pouco mais.

Outros se limitaram a declarar, como Maurice Vernes, que os Evangelhos são obras anônimas e que é impossível lhes determinar as datas e os autores.

Outros me pareceram extremados, como Strauss: «Partindo de tudo o que nos é dado saber do apóstolo João, vemo-nos enveredado *sempre* num caminho que não conduz ao 4.^o Evangelho; partindo do 4.^o Evangelho, temos a certeza de nunca esbarrar no apóstolo João». *Nouvelle Vie de Jesus*, t. 1).

Poderíamos, ainda, ter recorrido ao opulento arquivo de Mario Cavalcanti de Melo, mas iríamos antecipar-nos a um trabalho que êle pretende editar e fomos ficando com a prata de casa.

*

Como se vê, engana-se quem supõe sermos nós quem diz alguma coisa; reportamo-nos apenas à crítica histórica. São os críticos que falam.

Diria, assim, ao primeiro amigo, que há dois mil anos os Evangelhos são tidos, não somente como autênticos, senão ainda que os cristãos os têm considerado como livros sagrados; há dois mil anos vêem ali a legítima palavra de Deus. Não obstante, essa crença não impediu que os homens continuamente se entrechoquem e entrematem; que a humanidade continue prêsa de vícios, de iniquidades, de desonestidades, de perversidades, de crimes de tôda a ordem. O mundo rola, é pregada a pala-

vra de Deus, e o Gênero mantém-se vítima das paixões, que o arruinam espiritualmente e o destroem materialmente.

A julgar pelo Catecismo, o que nos espera é o Inferno e pela bomba de hidrogênio o que nos aguarda é o aniquilamento: perda total da alma e inutilização total do corpo. Isto depois de dois mil anos de Evangelho.

Logo, caro amigo, não seria o nosso exame que iria abalar a Espécie, mesmo porque, pior do que se acha é difícil ficar.

Quanto ao 2.^o dos amigos cabe-nos acentuar que apenas indicamos uma situação; que nos limitamos a declarar o que o estudo e a crítica revelam; que não há provas da autenticidade evangélica, segundo os dados existentes. Portanto, a nossa tese é esta: — que há dúvidas.

E precisamente, por não quereremos que a dúvida permaneça é que declaramos que a demonstração dos ensinamentos de Jesus estava na revelação dos Espíritos, visto que a História Geral e particularmente a Eclesiástica não nos forneceram até agora as provas necessárias à convicção.

Mantemo-nos neutro quanto às opiniões críticas. Não avançaremos um dedo para afirmá-las ou negá-las; o que queremos é mostrar que elas existem. Logo o caso não está resolvido. Logo, as afirmativas são prematuras.

Apresentamos a questão como se acha e reafirmamos: Não somos nós quem põe em dúvida a autenticidade dos Evangelhos em geral e a do 4.^o em particular, senão uma série de entendidos no assunto.

Nossa tese continua simples:—Os Evangelhos não têm a devida autoridade para se imporem àquêles que não forem crentes, e daí a necessidade das *Lições dos Espíritos*, com suas demonstrações, dentro do que conhecemos como demonstração, no caso,—o testemunho concordante e universal dos Espíritos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo enderêço; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espiritismo é a Religião

III

O Problema da Vida Futura

11 — O problema é velho. Alcançou um Kant, para quem a vida futura é um postulado da razão pura. Alcançou, por outro lado, até o «inculto gabonês» para o qual a «morte não passa de uma desencarnação. Sobreviva ao naufrágio do corpo, a alma continua substancialmente a mesma, embora lhe convenha novo nome. O essencial para nós é saber que o selvagem acredita na sobrevivência do espírito.» (34)

O problema da vida futura, todavia, constitui mistério impenetrável para as religiões. É incógnita insolúvel, expectativa angustiante, geradora de dúvida atroz. É a incerteza dolorosa do amanhã impenetrável.

O Espiritismo, porém, sobrelevando-se às demais religiões, resolveu o assunto, afirmando e provando que a morte é fenômeno transitório, mera transição de estado, simples desencarnação, como já acreditava até o inculto gabonês. E os filósofos e os religiosos não alcançaram êsse entendimento ou por orgulho ou por interesses menos confessáveis.

O Espiritismo revelou a pluralidade dos mundos habitados, evidenciou a reencarnação como instrumento da Justiça Divina e legou a certeza da sobrevivência do espírito. Últimamente, André Luiz descreveu-nos a vida no além e trouxe aos homens a certeza plena de que não há hiatos na seqüência dos afetos, nem das responsabilidades e obrigações deontológicas.

E tanto a intuição dessa verdade era percebida, que até para Sócrates «a vida e a morte são opostos e portanto, devem criar-se mutuamente. Segue-se que as almas dos mortos existem em alguma parte e *voltam à terra* em seu tempo devido. A afirmação de São Paulo: «a semente não reproduz senão quando morre» parece pertencer à semelhante teoria. O segundo argumento é que a *sabedoria é recordação*: A alma deve ter existido antes do nascimento.» (35)

A vida futura está sempre, em tô-

das as épocas, em função da vida, de uma recompensa ou de um castigo, «emanado de uma autoridade sobrehumana. Esta crença na alma é o núcleo de toda religião e metafísica religiosa, é em realidade uma ideologia de retribuição. É óbvio que em religiões de desenvolvimento tão avançado como a egípcia ou a cristã, o conceito de uma alma sobrevivente depois da morte está a serviço da idéia de retribuição na medida em que a alma é castigada pelo mal e recompensada pelo bem que o homem fez neste mundo.» (36)

Esta mesma idéia de paz, de recompensa, de responsabilidade existe no Espiritismo.

Os Fundamentos da Religião Espírita

12 — Há, ainda, quem ataque o Espiritismo, tachando-o de herético e inconsistente, porque defende êstes postulados. A verdade é que apenas os analisa, sistematiza, divulga-os conscientemente, contribuindo para o esforço de redenção humana.

Mas, estudando com seriedade a doutrina, verificar-se-á que ela não inovou. Ela coordenou os princípios e tirou o véu do mistério, apresentando a verdade da sobrevivência como algo glorioso e desejável. Afastou o pavor, quando estratificou verdades sentidas, mas incompreendidas há séculos.

Para os Espíritos «Deus é a inteligência Suprema e a causa Primária de todas as coisas.»

Apresentaram êles uma definição nova, atual, porém muito velha. Para Aristóteles, o criador da «maieutica» — arte de ajudar os espíritos a criar idéias, Deus é a inteligência suprema, organizadora do universo. Já para Platão, Deus é a causa primeira de todas as coisas.

13 — Temos já evidenciado que são idéias básicas para as religiões — Deus, Alma ou Espírito e Vida Futura. São pontos fundamentais. Ora, o Espiritismo aceita e adota êstes fundamentos. Tem, assim, base sólida, alicerce indestrutível

para organizar-se como religião, não aquela que, constituída, tem sacerdotes, sacramentos, práticas exteriores. É a religião natural, que brota do coração, toca a razão, vibra a sensibilidade; «é formada apenas pela contribuição da razão, pela especulação do pensamento filosófico.»

A Razão

14 — Para Kardec a «fé inabalável é somente aquela que encara a razão face a face em tôdas as épocas da humanidade.» (38). Já o vigoroso filósofo — Leibnitz — sustentava que «nenhuma fé pode ser real ou inteligível se não tiver a sua base na razão humana.» Léon Denis, no entretanto, assegurou que «a razão é o instrumento mais seguro que o homem recebeu de Deus para descobrir a verdade.» (40).

Há, sem dúvida, uma instituição muito clara de verdades superiores. «Tôdas as coisas que concebemos muito clara e nitidamente são verdadeiras.» (41).

A razão, porém, «é um meio que não pode produzir mais do que certo rendimento.» (42)

Enquanto a luz não se faz resplandescer, indicando-nos horizontes mais amplos, vamos dela nos servindo com ardor. Convicto, é certo, de que há de despertar, educar, desenvolver uma faculdade mais profunda: a intuição. (43)

A intuição é também faculdade mediúnica generalizada, que possibilita melhor assimilação das coisas latentes.

Conhecidos êstes dois pilares — a razão e a intuição — como são conhecidos no Espiritismo — as coisas se aclararão e a verdade surgirá a quem tiver olhos de ver e ouvidos de ouvir.

A verdade evangélica

14 — «Que coisa é a verdade?» (44)

Eis a pergunta solene de Pilatos a Jesus, que silenciou. Há, inclusive centenas de espíritas, pregadores e escritores, que se quedam atônitos diante do silêncio impressionante.

Jesus não respondeu a Pilatos. Logo, não explicou o que é a verdade. Não a definiu. A sentença é repetida, escrita e falada, em análise perfuntória.

Jesus, no esplendor de sua glória, «antes que houvesse mundo» (45) era e é o objetivo perene das grandes con-

quistas e renovações interiores. O Rabi, com a serenidade bonançosa, em várias oportunidades, procurou convencer as massas de que saiu do Pai para vir ao mundo (46), anunciando-lhes o que ouviu de Deus, que «é verdadeiro». (47). Revelando o que escutou do Pai, (que é verdadeiro), (48) é claro que revela ao mundo iconoclasta a própria verdade:

«Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres.» (49)

Mas, como entender o Mestre diante do seu silêncio?

«A obra de Deus está em que tenhais fé naquele que êle enviou.» (50) Cumpre-nos, pois, crer em Jesus, como enviado, aliando a fé às obras, recebendo, guardando e permanecendo na sua palavra. «Aquele que me ouve e tem fé, êste terá vida eterna.» (51). Chegará o o instante em que os mortos (os reencarnados) «ouvirão a voz do filho de Deus» e os que a «ouvirem viverão.» (52), porque assimilando-se (comendo) a substância da lição divina, viver-se-á eternamente. (53).

«O que ensino, repetia Jesus, não é Doutrina minha, mas, sim, daquele que me enviou.» (54). E diante do assombro expectante dos presentes, acrescentou categórico:

«O que vos anunciei É A VERDADE que ouvi de Deus.» (55). Concluiremos, afinal, que a obra de Deus consiste em crer no enviado e que as suas palavras e os seus ensinamentos são a própria Verdade, daí entender-se a afirmativa:

«Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida,» ninguém vai ao Pai senão por mim.» (56).

Não basta apenas ouvir. Os fariseus também escutavam, falavam, mas não exemplificavam...

É preciso viver, guardar-lhe a palavra, senti-la em sua plenitude, para que se opere o milagre da libertação:

«Quem guardar a minha palavra, disse o Mestre, não verá a morte eternamente.» (57). Libertar-se-á, é evidente, do ciclo das reencarnações, construindo, dentro de si, o templo de Deus, que «é santo,» na expressão de Paulo aos Coríntios.

«Quem me ama, diz Jesus, guarda a minha Palavra, meu Pai o amará, e viremos a êle e faremos n'Ele habitação.» (58)

... Suprema esperança! Supremo confôrto! E os olhos estarão ilumina-

dos... Compreenderemos como se «passa da Morte para a Vida.» (59)

Entenderemos o que é passar da vida corpórea para as maravilhas da vida espiritual. A verdade, por isso, é libertadora. Depararemos o Caminho no Amor, a Verdade na Palavra Divina e a Vida na Perfeição.

«Digo-vos a Verdade, declara Jesus. E mais adiante, deprecando ao Pai implorou: «Santifica-os para a Verdade, a Tua palavra é a Verdade.» (60). Se o conhecimento da verdade nos prepara para a vida, como encontrar o caminho? E' ainda o Rabi que equaciona o problema:

«Amai-vos uns aos outros». «Amai-vos mutuamente como eu vos tenho amado. Nisto conhecerão todos que sois discípulos meus, em que vos ameis uns aos outros.» (61) E positivo, sustentou: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos se fizerdes o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; amigos é que vos chamei, porque vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai.» (62)

Daí, diante destes ensinamentos tão concordes, destes argumentos tão positivos concluímos que

«não há erro mais grosseiro do que fazer da religião uma forma inferior do conhecimento. Em todos os povos, como em todos os momentos da história, a religião foi e será sempre a mais alta manifestação da intelectualidade: a religião é o veículo espiritual da sociedade; é o espírito regulando as suas fôrças, organizando as suas energias, introduzindo a unidade na multiplicidade, numa palavra,

a Religião é o império da razão.» (63)

Noraldino de Mello Castro

(Continua)

- 34 — Pe. CASTRO NERY — «Evolução do Pensamento Antigo», pág. 17
- 35 — BERTRAND RUSSEL — «História da Filosofia Ocidental», pág. 162.
- 36 — HANS KELSEN — «Sociedad y Naturaleza» — pág. 287.
- 37 — KARDEC — «Livro dos Espíritos» — n.º 1.
- 38 — KARDEC — «Evangelho Segundo o Espiritismo».
- 39 — apdo E. SARGENT — «Bases Científicas do Espiritismo», pag. 204.
- 40 — LEON DENIS, «Cristianismo e Espiritismo», pág. 145.
- 41 — DESCARTES — «Meditações Metafísicas, pág. 48.
- 42 — P. UBALDI — «A Grande Síntese» pág. 91.
- 43 — P. UBALDI — «A Grande Síntese», pág. 19.
- 44 — Jó, XVIII-38; 45) Jó., XVII: 5; 46) Jó., XVI: 27; 47) Jó., VIII: 26 e Jó., VII: 28; 48) Jó., VIII: 41; 49) Jo., VIII: 39; 50) Jó., VI: 29; 51) Jó., V: 24; 52) Jó., V: 25; 53) Jó., VI: 58; 54) Jó., VII: 16; 55) Jó., VIII: 40; 56) Jó., XIV: 6; 57) Jó., VIII: 51: 28; 58) Jó., XIV: 23; 59) Jó., V: 25; 60) Jó., XVII: 17; 61) Jó., XIII: 34-35; XV: 12; XV: 17; 62) Jó., XV: 13-15; 63) FARIAS BRITO — «MUNDO INTERIOR», pág. 95.



Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.\$ 400,00	Ano de 1949	cr\$ 300,00	Ano de 1955	cr\$. 300,00
» » 1929	» 400,00	» » 1950	» 300,00	» » 1956	» 300,00
» » 1946	» 300,00	» » 1951	» 300,00	» » 1957	» 300,00
» » 1947	» 300,00	» » 1952	» 300,00	» » 1958	» 300,00
» » 1948	» 300,00	» » 1953	» 300,00	» » 1959	» 300,00
		» » 1954	» 300,00	» » 1960	» 300,00

Revides aos Rebates do Dr. Osmard



I



Os nossos leitores, conforme já se acham informados pelos comunicados da Redação, de Junho e Julho passados, já estão cientes que suspendêramos nossos rebates ao «Hipnose e Letargia», em relação ao Espiritismo, para atendermos a honrosa presença do nosso ilustre opositor, dr. Osmard Andrade Faria, no nosso campo, após um ano de sua ausência, desde o nosso entrechoque do ano passado. Retornou agora para continuar contra-rebatendo os nossos rebates daquela ocasião, quando cuidávamos do seu «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», no qual dirigiu ataques ao Espiritismo.

Como já vimos, na Revista do mês último, inicia o nosso opositor com «Em cena o sr. Casella», embora, como passaremos a ver, seja êle mesmo o encenador.

É de se ver que o dr. Osmard escreveu no seu livro todo um capítulo, expondo os espíritas ao ridículo, entre-meando-os com as doenças mentais, e achou que deveríamos concordar com tôdas aquelas humilhações, porquê «não escreveu seu livro para os espíritas». E lá deixou uma ressalva de que «não vá nessas palavras qualquer acusação à lealdade e à sinceridade dos manifestantes», como se isto lhe conferisse imunidade para dirigir impactos aos adeptos de Kardec, impondo silêncio ao nosso direito de defesa.

E ainda diz que cuidou «Não do espiritismo doutrina,—filosófica,—crença,—conduta. Mas a natureza mesma do fenômeno espírita.»

Ora, como entender que cuida do fenômeno espírita, sem que inclua nisso Espiritismo? E o que é o Espiritismo a não ser nossa doutrina, filosofia, crença e conduta? Como se vê, o dr. Osmard se propôs a escrever no seu livro algo do que nada leu e, talvez, nem conheceu.

O nosso atacante deverá compreender que os fenômenos espíritas, assim se chamam, pelo fato de serem tais práticas mediúnicas cuidadas, entre nós, sob orientação doutrinária. Lá fora elas

também existem, como fenômenos mediúnicos, praticadas no seu rudimentarismo pelos diversos grupos sincréticos, onde o fenômeno pode se entremeiar com a hipnose. Portanto, quando o dr. Osmard diz no seu livro: «centros (ou sessões) espíritas, ou kardecistas, ou do Espiritismo, está referindo-se a nós espíritas, ou seja, ao Espiritismo de Kardec, já que não há outro sem ser êste, conforme teria mal entendido em outro trabalho nosso, talvez, como diz êle, por não termos sido bem explícitos naquela exposição. O que há lá fora é o muito uso e abuso da nossa rotulagem, mas isto não ilude o observador atento que investiga o assunto através das literaturas básicas, ao invés de percorrer terreiros, macumbas e outras semelhanças de origem afro-brasileira.

E quanto ao dr. Osmard dizer que o fenômeno espírita é hipnose, ninguém impede que se restrinja nesta sua opinião pessoal. Mas se desejar passá-la para diante, terá antes que desmentir as provas de laboratório dos grandes mestres. Alardear apenas com palavras é coisa nula.

Vejamos agora a parte substancial dêsse seu primeiro contra-rebate da presente série, levando-nos a relembrar o sucedido naquele nosso entrechoque do ano passado.

Naquela ocasião, entre o que ali cuidáramos, no nosso primeiro rebate na Revista de 15-4/5-1960, o dr. Osmard logo de início deparou com um termo—desequilibrado—, de que não o teríamos interpretado no seu exato sentido. Imediatamente, enviou-nos um elogioso contra-rebate, que lhe prometêramos publicá-lo tão logo terminasse de sair as nossas duas continuações finais, já enviadas a Redação. E enquanto aguardava a sua vez, lendo os nossos dois outros trabalhos, conforme foram saindo, passou a conhecer melhor a nossa tese, e já teria percebido que aquela sua animada defesa, a qual julgava ser um xeque-mate, longe estava de liquidar o assunto, tal qual esperava. Assim, ao sair sua publicação, já estava a-

lerta pelo seu insucesso, que mais se agravou com o nosso revide simultâneo.

Mas aconteceu que tendo o dr. Osmard solicitado publicação para a sua defesa, e não para a sua carta particular, separáramos aquela desta e a publicáramos com as suas minúcias, deixando então de lado a parte que se diz acessória. Mas o nosso opositor, que já estava prevenido de que não lhe iria ser fácil a luta, como julgara de início, e surpreendido pelo nosso revide, onde sustentáramos nossa acusação de que chamou os espíritas de desequilibrados mentais, achou que a sua defesa publicada sem aquela parte acessória, como nos pedira, serviria de pretexto para atirar uma cortina de fumaça para encobrir seu fracasso.

Que fez então?

Escreveu uma longa e lamentosa carta ao diretor desta Revista, acusando-nos de que tínhamos publicado «esparços e pequenos trechos» de sua carta, como a dizer que a parte melhor não a publicáramos.

Mas foi infeliz nessa sua aventura porquê, para seu desaponto, em seguida publicáramos a sua carta completa, separando pelos grifos a sua defesa publicada e a outra parte acessória antes não publicada, onde os leitores puderam ver que aquêles «esparços e pequenos», antes publicados, eram na realidade o tudo da defesa do nosso inconformado opositor. Portanto, não seria agora com aquêles acessórios, sem valor defensivo, que iria salvar a sua inevitável derrocada. Essas verdades, que o dr. Osmard não contou nas suas queixas do mês anterior, acham-se registradas nas Revistas de agosto e outubro do ano passado.

Depois dêste abalo, o dr. Osmard não mais apareceu, e só agora, talvez premido pela nossa denúncia na Revista de fevereiro último, e pressentindo que a sua cidadela se achava novamente em perigo pela nossa segunda série de rebates já iniciada, mas agora suspensa provisoriamente, resolveu voltar ao assunto. E volta agora procurando fazer tese daquela particularidade, a qual não invalida a nossa acusação de que chamou os espíritas de desequilibrados mentais (referimos a desequilíbrio, e não a débil... mental, conforme está no seu último contra-rebate).

E' preciso ressaltar que naquela nossa refrega inicial, a intenção do nosso opositor foi a de nos apontar aquela nossa má interpretação, daquele termo — desequilibrado —, mas com o objetivo de se defender, assim dizendo «Em nenhum trecho do meu livro eu me referi aos espíritas como desequilibrados... Mentais».

Ora, se o dr. Osmard diz que em nenhum trecho do seu livro deu essa atribuição aos espíritas, como então agora se defende somente em tôrno daquele termo, quando já lhe apontáramos outros mais ali na sua literatura, cuja interpretação também nos dá a qualidade de desequilibrados mentais? Ou o nosso opositor julga que para se dar essa atribuição a alguém seja sempre necessário tal qual se exprimir. Neste caso estaria se defendendo pelo sentido vulgar. Mas se escreveu um livro para médicos e dentistas, o assunto tem que ser discutido dentro da ciência médica psiquiátrica. Em Psiquiatria a expressão—desequilíbrio mental—, representa um grupo de doentes com essa psicopatia, mas de predicados diferenciados, cada qual com a sua rubrica dentro da sua classificação, nas mais variadas formas.

Logo, quando dizemos que o dr. Osmard deu aos espíritas aquela atribuição e apontamos no seu livro a história, como um dos termos responsáveis, estamos fazendo nossa tese pelo sentido científico da Psiquiatria, de cuja acusação ainda não ousou se defender. Mas se vier por êste lado, se é que deseja fazer defesa científica, apresentaremos nosso libelo pela própria ciência médica, demonstrando que lhe poderemos encurrular dentro do seu próprio campo acadêmico, pondo ponto final nessa sua ruidosidade.

E assim, com o expostó, os leitores já perceberam que sôbre atenciosidade, o nosso opositor não está em condições de discutir porque ali no seu livro a falta de atenção está nêle mesmo, ao empregar termos científicos firmado na interpretação comum, embora diga ter escrito para médicos e dentistas. Por isso mesmo, se lhe deramos aquêle termo—desequilibrado—de graça é porque ali, pela interpretação científica, não nos faltam outros equivalentes.

Entretanto, que não julgue ter si-

do presenteado porquê nêle não teriamos apôio. Sem pretendermos dêle fazer tese, poderemos ir além do dicionário, fazendo-lhe ainda recuar, arrebatando-lhe das mãos, essa sua única pretensa vantagem, da qual está se fazendo dono, quando a questão é discutível.

Vejamos.

Quando o dr. Osmard apresentou sua defesa no ano passado disse: «A expressão — desequilibrado — que aparece ao lado das duas outras — débil — e — instável, são expressões reflexológicas...» — «...o que é um tipo nervoso desequilibrado (nada tem com o insano mental).» Em seguida para sua confirmação dirigiu-nos para o capítulo do seu livro — Tipos Nervosos —, onde se lê: «E aqui entra-se a estudar a classificação dos tipos nervosos e suas modalidades de reação — os considerados temperamentos de acôrdo com os ensinamentos da reflexologia.»

No entanto, embora se diga — de acôrdo os ensinamentos da reflexologia —, ali os tais de tipos nervosos foram exemplificados com as «definições temperamentais de Hipócrates», escorando-se assim a construção do referido termo — desequilibrado — em bases psiquiátricas. Os temperamentais de Hipócrates, até hoje lembrada a sua divisão em Psiquiatria, compreende-se: bilioso, fleugmático, sanguíneo e o melancólico, muito bem descritos ali no referido capítulo. E é bom lembrar que Hipócrates (460 anos antes da era cristã) foi o primeiro a dar uma interpretação científica à origem da alienação mental. Fazia parte do grupo de sacerdotes, os Asclépiades, que se diziam descendentes de Esculápio e donos exclusivos dos segredos da cura dos loucos.

Não há dúvida, a melancolia e a sua assídua companheira a mania, ali presentes nos — temperamentais de Hipócrates —, nos quais se valeu o dr. Osmard para a construção do seu tipo reflexológico, são doenças mentais hoje rubricadas de «psicose maniaco-depressiva». E aí, entre os conceitos de doenças mentais, onde ainda se disse: «dominados por processos patológicos tenderiam respectivamente para a histeria ou para a psicastenia», portanto em pleno campo psiquiátrico, que se deu

arranjo para aquêle tipo nervoso desequilibrado, mas que o dr. Osmard entendeu que nada tem com o insano mental, porque batizou-o de tipo reflexológico, como se a rotulagem pudesse mudar o estado mental do paciente.

Mas não seria preciso tanto, desde que não se tome o sentido pelo termo truncado, mas pela clareza da frase que diz; «tipo débil, desequilibrado, instável, com predominância histérica ou neurótica».

Como entender que o tal tipo seja predominado pela histeria e neurose que são doenças mentais, mas — nada tem com o insano mental — porque aquêle termo — desequilibrado — seria reflexológico? Afinal: O conteúdo depende da rotulagem, ou é esta que depende daquele?

Aí se vê que o dr. Osmard, saturado de reflexologia, pensou em uma coisa e escreveu outra. Isto prova que nós, na leitura do seu livro, estivemos mais atentos do que êle próprio quando o escreveu. Se naquela ocasião não lhe deramos êsse choque foi não somente porque não precisávamos do termo, para manter aquela nossa acusação, como também não tínhamos propósito de molestar nosso opositor, dentro do seu próprio campo profissional, onde tem o nosso devido respeito. Somente agora fomos forçados a tomar essa lamentável atitude, para demonstrar-lhe que nessa questão do referido termo também poderemos alijá-lo para fora dessa sua trincheira reflexológica, em cuja posição está se julgando bem seguro.

Ainda teríamos que falar sôbre psicologia e parapsicologia, no que ali tocou o dr. Osmard, mas como não se trata de assunto para meias palavras, não nos vai faltar oportunidade pela frente.

Mas o dr. Osmard, não se desanimasse se conseguirmos freiar o entusiasmo da sua espetacular saída. Ainda lhe resta uma esperança de que nem tudo esteja perdido. Já nos deu uma interessante amostra dos seus conhecimentos no complexo assunto da energia e matéria, eletromagnetismo, fissão nuclear, pela qual poderá desmentir tudo que discutimos e sabemos sôbre átomos, e até falou em materialização do pensa-

mento, e outras coisas mais, arrastando-nos agora também para o seu «Hipnose e Letargia», cujas aulas, de tudo isso, fica-nos devendo, tão logo surja oportunidade, pelo que desde já lhe desejamos felicidades, pelo sucesso que ainda

não obteve, com seus discursos, diante dos nossos rebates.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo
Araraquara

A Psicanálise perante a Parapsicologia

(A propósito do recente livro de Carlos Imbassahy)

— I V —

Quem ler todo o livro de Carlos Imbassahy, desde que o faça com a necessária atenção, pois muita gente lê tudo «por alto», vai notar, nitidamente, a segurança dos conceitos básicos do Espiritismo, apesar de haver a *Parapsicologia* criado uma nomenclatura nova para uma série de fenômenos que, aliás, já estão compreendidos na doutrina espírita. O problema, na realidade, é mais de técnica do que propriamente de conteúdo, porque os fenômenos são os mesmos; o que varia é apenas o modo de encarar tais fenômenos no ambiente universitário, onde é diferente, em parte, o processo de investigação. Daí, mais uma vez, a necessidade da leitura bem atenta de um trabalho como o de Imbassahy, ainda mais quando se sabe que certas pessoas, inclusive no próprio meio espírita, às vezes se deixam impressionar demais pelas denominações e classificações acadêmicas, sem se darem conta de que, no fundo, não há tanta novidade como se pensa. A roupagem nova produz geralmente muito efeito psicológico, ainda que o material seja velho. É o que se dá, por exemplo, com algumas escolas e teorias que se preocupam com os fenômenos ditos «extra-humanos», «paranormais», «superfísicos» etc.

Temos que partir da seguinte observação: a *matéria prima* da Parapsicologia é a mesma da Metapsíquica, como das escolas de investigação psíquica, como do Espiritismo, isto é, os fenômenos chamados *inabituais*, segundo Richet, fenômenos que não podem ser explicados pela Psicologia tradicional e, por isso mesmo, conduzem as perquirições e os raciocínios a outra esfera de conhecimento. Os nomes e as interpretações é que

são diferentes, mas o fenômeno em si continua a ser da mesma natureza. São muitos rótulos para encobrir uma única realidade: a existência de uma categoria de fenômenos que ultrapassam a configuração física, porque procedem de outro plano, além do corporal. A Parapsicologia, por exemplo, adota a seguinte nomenclatura: «*PSI*» (fenômenos psíquicos em geral); «*ESP*» (percepção extrasensorial: clarividência, telepatia, monições etc.); «*PK*» (Psicognesia: movimento de objetos sem contacto). Já no começo de nosso século, Richet havia dividido a Metapsíquica em *objetiva* e *subjetiva*, criando nomes novos para fenômenos antigos. Assim também faz a Parapsicologia do Prof. Rhine, naturalmente para poder, com isto, encontrar receptividade no meio universitário, onde ainda é muito forte o preconceito com a idéia de *alma*, *sobrevivência* etc. Ainda hoje, por incrível que pareça, e o Prof. Rhine que o diga, falar em *espírito* ou *mediunidade* perante determinados círculos de psicólogos, psiquiatras e outros especialistas, é uma espécie de «heresia» científica, quando não é um escândalo!

É inegável, todavia, o grande e persistente esforço do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, nos Estados Unidos, sob a direção do Professor Joseph Banks Rhine e sua esposa, Dra. Luisa Rhine, também investigadora dos fenômenos psíquicos. Sua contribuição já é bem valiosa, especialmente quanto aos fenômenos de telepatia, clarividência etc. A Parapsicologia tem, hoje, uma literatura já um tanto copiosa. Sem falar na França, Holanda, Inglaterra ou Alemanha, os estudos de Rhine, nos Estados Unidos, já formam grande acervo

de publicações, não propriamente pelo número, mas pelas experiências relatadas. (1) O movimento iniciado pelo Prof. Rhine e sua *equipe* de colaboradores, a partir de 1930, abriu novas «pistas» para os estudos psíquicos nos Estados Unidos, apesar de tôdas as resistências e prevenções.

É certo que existem, além de grupos diversos, duas grandes correntes no campo da Parapsicologia: a de Robert Amadou, na França, e a de Rhine, nos Estados Unidos, para certos grupos, a *Parapsicologia* deve ser uma ciência autônoma, com tôdas as características próprias, enquanto para outros grupos a investigação parapsicológica é apenas um desdobramento da Psicologia, da qual não pode, absolutamente, ser desmembrada. Robert Amadou, que, aliás, faz muita restrição ao Espiritismo e chega a pôr em dúvida o método adotado por Flammarion e Ernesto Bozzano, dois experimentadores dos mais categorizados no campo mediúnico, também acha que a Parapsicologia não pode ser autônoma, como querem alguns partidários da separação integral. Diz Amadou: *A Parapsicologia não é outra coisa senão um ramo da Psicologia* (2). Há, neste ponto, um aspecto muito sutil. A tendência para manter a Parapsicologia dentro dos limites da Psicologia tem um objetivo especial,

que é o de não dar margem para que se admitam fenômenos de origem espiritual ou do «outro mundo»; todos os fenômenos, inclusive comunicações de espíritos, podem ser reduzidos á categoria habitual dos fenômenos psíquicos. É uma forma de golpear o Espiritismo.

Embora nos pareça mais avançado em determinados pontos, o Prof. Rhine pensa do mesmo modo, no que, está sendo coerente com algumas de suas premissas. Para êle, pois, a *Parapsicologia é um ramo da Psicologia*, visto como se ocupa de fenômenos mentais e da conduta, os quais — acrescenta Rhine — *parecem responderem a princípios ainda não conhecidos*. (3) Definição muito acanhada para um campo de estudos tão vasto, como é a Parapsicologia, tanto mais quanto o seu objeto não é estritamente a vida mental, mas aquilo que vai além das possibilidades do conhecimento sensorial. O próprio prefixo *Para*, que quer dizer fora ou ao lado da *Psicologia*, já pressupõe, etmológicamente falando, uma categoria de fenômenos diferentes dos fenômenos mentais, que são objeto da Psicologia geral e podem ser estudados em qualquer compêndio ou tratado comum. Conseqüentemente, podemos dizer que, dentro do que se entende por fenomenologia psíquica, existem fenômenos normais ou cotidianos e, também, fenômenos em que se revela uma faculdade especial ou, na linguagem de Rhine, a «percepção extrasensorial». Convém observar que até mesmo a designação de «percepção extrasensorial» já não satisfaz, em grande parte, à compreensão de certos fenômenos, tal a extensão e complexidade dêste domínio da investigação. Na opinião de W. Carigton, que é um dos membros da Sociedade de Investigação Psíquica e tem estudos especializados sôbre êste assunto, a denominação de Rhine está sujeita a cair em desuso daqui a algum tempo, tanto quanto «ultra percepção», forma adotada por outro especialista. *Há uma série de fenômenos — afirma Carigton — que, embora a maior parte dos investigadores considere relacionados com a telepatia e a clarividência, estão longe de*

(1) — *Além de Extra. Sensory Perception, que foi o seu 1.º livro (1934), o Prof. J. B. RHINE reuniu os seus estudos em duas obras de conjunto: The Reach of the Mind, que a Editôra «PAIDOS», da Argentina, publicou sob o título El Alcance de la Mente (1 vol.) e New World of the Mind, lançado pela mesma Editôra, em castelhano, (El Nuevo Mundo de la Mente — 2.º vol.) Além dêstes, há vários outros trabalhos, em forma de monografias, aulas, artigos, etc. divulgados em revistas especializadas. O outro livro, elaborado em colaboração com o Dr. J. G. Pratt, seu companheiro no Laboratório de Duke, é Parapsychology, publicado por Charles C. Thomas, de Illinois, E. Unidos, mas talvez ainda não tenha tradução em castelhano.*

(2) — *La Tour Saint Jacques («Bulletin de Parapsychologie», n.º 3, Paris — 1956.*

(3) — *J. B. RHINE — El Alcance de la Mente — (Trad. de J. Ricardo Musso, pág. 147) — Ed. argentina.*

se enquadrar nitidamente em qualquer uma das duas designações. (4) São fenômenos extra-humanos e, por isso mesmo, estão acima da configuração em que se pode situar a telepatia, a clarividência etc. Contudo, a Parapsicologia não pode ser uma ciência à parte ou ciência de cúpula, sem vinculação com a Psicologia, como nos dá a entender o Prof. Rhine. Uma das preocupações da escola de Rhine, e é a, sua obra que o demonstra, é evitar que o problema da sobrevivência da alma venha a ser interpretado no sentido metafísico ou religioso. Esta posição, entretanto, pode levar ao exagero, colocando a discussão em termos inadequados à natureza de certo tipo de fenômenos. O receio de enfrentar o problema, para não falar em *sobrenatural*, restringe demais o raciocínio e deixa a Parapsicologia muito prêsá à telepatia e a outros fenômenos, sem subir a uma esfera mais alta.

Devemos notar que Rhine tem a sua linha de pensamento. Ele próprio se define, e o faz com tôda a honestidade intelectual: *Não sou espiritista nem espiritualista em nenhum dos sentidos da palavra. Não sou tampouco dualista.* (5) Atém-se apenas ao ponto de vista puramente *naturalista*. Embora reconheça e afirme constantemente que os fenômenos *PSI* (segundo a sua classificação) ultrapassem as possibilidades da Física, como da Biologia etc., e não podem, portanto, ser explicados dentro dos esquemas das ciências conhecidas, porque pertencem a outra ordem de conhecimento, faz sentir longamente que êsses fenômenos têm relações com a Biologia, a Fisiologia etc., e são de grande interêsse para a Filosofia co-

mo também para as Religiões. Rhine dedica uma parte de seu 2.º volume a êste aspecto, com argumentos muito lógicos. Diz e repete claramente que os fenômenos estudados pela Parapsicologia estão acima ou fora do campo normal do psiquismo humano e, conseqüentemente, constituem uma categoria especial, fora da matéria. Até aí, muito bem. Quando, porém, chega o momento de opinar sobre a *sobrevivência* da alma, que é o corolário do raciocínio, Rhine declara que não aceita a tese dualista, isto é, não admite a existência de dois princípios: corpo e alma, independentemente. Entretanto — e é nisto que está a nossa estranheza — ainda na mesma obra, o próprio Rhine insiste em dizer, e com inteira razão, que os fenômenos psíquicos, por serem fenômenos diferentes e independentes da matéria, não podem ser submetidos aos mesmos métodos das ciências humanas, como a Física, a Biologia, e assim por diante. Neste ponto, é oportuno ressaltar que o ilustre professor da Universidade de Duke está de acôrdo com Allan Kardec, pois o Codificador da doutrina já havia dito a mesma coisa quando nem sequer se falava em Metapsíquica nem Parapsicologia. Palavras de Kardec: *seria impossível fazer um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química.* São, ainda, de Kardec as seguintes observações: *A ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos como experimenta uma pilha voltaica; foi mal sucedida, como devia sê-lo, porque agiu visando a uma analogia que não existe...* (6)

Deolindo Amorim

(Conclúe no próximo número)

(4) — *Whately CARINGTON* — La Telepathie — Ed. Payot, 1948.

(5) — *J. B. RHINE* — El Nuevo Mundo de la Mente — Ed. Argentina, pág. 188.

(6) — *ALLAN KARDEC* — Livro dos Médiuns (cap. III, n.º 31); O que é o Espiritismo (segundo diálogo).

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 e 3

Caixa Postal 4921 — SÃO PAULO — Das 8 às 19,30 hs.

Hipnose e Espiritismo

Osmard
Andrade

II — SANTOS E DEMÔNIOS

Pôsto agora, em doce repouso, o Sr. Casella, vamos conversar nós, eu e os leitores da «Revista Internacional do Espiritismo», sôbre alguns aspectos da fenomenologia espírita como a entendemos nós, os reflexologistas. E como o comprovam as experiências feitas em laboratórios de fisiologia. Escrevi dois livros sôbre o assunto. Utilizando mais de 770 páginas. Creem que me será fácil reduzir tudo isso a 15 ou 20 laudas? Há certos assuntos que não podem ser resumidos pois perdem em sua essência. E não conduzindo bem o raciocínio dos leitores, acabará por deixá-los em confusão. É o que procurarei evitar.

Como também não poderei fugir, neste início de conversa, a um tema melindroso, o da demonologia, pois, na verdade, tudo começa no princípio. Exatamente naquele momento — crucial para a história da filosofia — em que o homem primitivo (ainda hoje êle o é!) percebeu que havia alguma coisa para além da sua própria inteligência. Fazia-se a si mesmo perguntas que não podia responder. Como ainda hoje. E procurou esconder-se da própria ignorância abrigando-se no interior de um triângulo, em cuja base pisava, e cujas duas vertentes conduziam ao Tudo. Ou ao Nada. À medida que o homem começou a perceber que havia alguma coisa oculta por trás da linha do horizonte, o medo do desconhecido o acossou. Erguendo duas vertentes convergentes, uma sôbre o «antes» (o princípio de tôdas as coisas) e outra sôbre o «depois» (o que estava por vir), tais linhas, angulando-se acima de sua desprotegida cabeça, criavam-lhe um toldo protetor. E o homem criava Deus!

Não tardou que miríades de deuses, subdeuses, santos e demônios povoassem os céus, e o homem acabou por acovardar-se diante da inimaginável grandeza de sua própria imaginação. Em 1660, uma publicação oficial da cidade de Amsterdam, a «Pseudomonarchia daemonum», informava que o exército do diabo compunha-se de, *exatamente*,

7.505.928 soldados. Sem contar-se a legião feminina das bruxas... E, acrescentamos, um número igual de anjos protetores.

E o homem passou a reger-se, quando não sabia ou não podia fazê-lo por si mesmo, sob a influência desse mundo de fantasmas, nascidos todos de sua própria imaginação. Duvida-se disso? Davida disso, Sr. Casella?

De outro lado, no campo da fisiologia humana, mercê de todos os progressos alcançados, houve um setor que se constituia sempre na grande incógnita: o nosso cérebro. E se, para salvar-se um gado infestado, benziam-se os rebanhos; se para espantar gafanhotos dos trigais, aspergia-se água benta; se para provocar chuvas, reuniam-se procissões; se para combaterem-se miasmas pronunciavam-se cabalísticos abracadabras, porque então isentar de culpa tenebrosos demônios, porque então deixar de chamar ao serviço ativo os guias protetores na hora de lutar contra as doenças? Mormente se tais desvios fisiológicos atingiam o órgão nobre e sofriam então a personalidade, a conduta, o bom senso, o «juízo», as abstrações, o pensamento, a elaboração mental, o livre arbítrio. E como pretender-se, daquela gente de antanho (e de muita gente de hoje!) que compreendesse, num raciocínio de meridiana simplicidade, que sendo um órgão, a sede de uma função, nele mesmo não se encontre o substrato anatômico e fisiológico de tal mecanismo?

E os «santos» e «demônios» ingressaram triunfantes no terreno da patologia humana, respondendo pela causa da maioria das doenças, principalmente aquelas derivadas de um desequilíbrio (perdão, Sr. Casella) das atividades do comportamento.

Foi feroz, durante grande parte da história da humanidade, a luta entre uns e outros, cada qual querendo «possuir» maior número de vítimas. Tais epidemias «psíquicas» levaram à fogueira e ao pelourinho, como bem nos ilus-

tra Volgyesi, milhares de homens e mulheres «nervosos» na idade média. Reconhece-se hoje facilmente que os antigos endemoninhados, agindo ostensivamente por delegação de belzebu, foram os ancestrais dos atuais psicopatas. A história reúne um considerável número de exemplos de tais epidemias que assolaram a Europa durante muitas décadas. Uma de tais epidemias grassou na Alemanha, de 1374 a 1418, disseminando-se a onda demoníaca a partir da cidade de Aquisgran, e que foi conhecida dos escritores daquela época como a triste dança de «S. Vito», algo parecido com o que hoje a patologia rotula de «corea minor» (Dança de S. Guido).

Os «possuídos» davam-se as mãos e dançavam freneticamente pelas ruas até se deixarem vencer pela fadiga e pela exaustão. Ao fim da orgia maquívica, seu aspecto vultuoso fazia lembrar os atuais ataques epileptiformes. Em Strasburgo, a tropa dos «possuídos» pelo diabo e pelos maus espíritos, gente de tôdas as idades, era acompanhada por músicos que, seguindo-os, tentavam fazê-los entrar num ritmo mais moderado, porfiando por acalmá-los. Mas o que de melhor acontecia, era que os demônios, mais astutos, acabavam por atrair também, não apenas, os próprios músicos, mas tôdas as pessoas que assistiam a passagem dos «mensageiros do diabo». O problema era finalmente resolvido, «sábiamente», com cantos, salmos, exorcismos, passes e rezas que expulsavam os endiabrados agentes do mal.

A Itália, de 1430 a 1480 foi também invadida pelos demônios, e onde até os padres capuchinhos entregavam-se vencidos. O mesmo ocorreria em Louviers, em 1642, onde, no convento das Virgens de Santa Izabel, a doença das possessões demoníacas atacou, inclusive, a dezoito religiosas. E onde, algumas delas, num evidente exagêro, deixavam-se possuir, simultâneamente por mais de dez «santos».

A prática do exorcismo saneador através toques e passes, ganhava terreno. Eduardo, O Confessor, da Inglaterra, o imperador Adriano, Olavo, o santo rei da Noruega, Felipe I, rei de França, Carlos, imperador do Sacro Império Romano-germânico, Carlos II da Inglaterra,

foram soberanos que tinham a virtude de, por toques reais, expulsarem os demônios que possuíam aos seus súditos, vítimas da ação maléfica dos santos do diabo...

Greatrakes, em 1662, Gassner, em 1760, foram sacerdotes que também se entregaram, na Europa, à meritória tarefa de expulsão de demônios. O que levou Voltaire a assegurar: — «Quanto maiores são os progressos da ciência, tanto mais rangem os dentes do fanatismo.» Logo seguido por Figuiet que esclarecia: — «Corria-se ao encontro de qualquer novidade capaz de deleitar a imaginação. Para ser aceita, a própria ciência tinha necessidade de rodear-se de mistérios e mostrar todo o aparato de uma revelação apocalíptica.»

A êsse entusiasmo por provas místicas, devem seu sucesso, Cagliostro, Leon, Mesmer, e mais tarde, o próprio Allan Kardec que apresenta ao público o seu «Livro dos Espíritos», com a codificação do atual espiritismo, e no qual se aprende que os mortos continuam vivos por intermédio de suas almas desgarradas, tais espíritos assumindo no espaço o benfazejo papel de guias protetores dos que continuam vivos. Nascia com Kardec—que nos perdoem os seus seguidores—uma nova dinastia de «santos».

Hyppolito-Leão Denizard Rivail, Kardec, como médico, tentava, assim, cremos, buscar no espaço, uma explicação para uma doença terrena. Que nem êle nem ninguém sabia explicar. Por outro lado, sentindo a avançada do inimigo, no mesmo ano em que Kardec pontificava, 1857, os demônios tomam de assalto a vila de Morzine, comuna de Chablais, na Haute-Savoie, também na França. E ali desencadeiam uma das mais graves epidemias histero-demoníacas (com perdão da palavra, sr. Casella!) da história do país. T. Constant, psiquiatra francês é enviado ao local com instruções para estudar e erradicar a epidemia. A primeira providência que lhe foi sugerida, partiu do Conselho Municipal de Marzine: — «Cortemos as cabeças dos encantadores.»

Começara a epidemia em março de 1857 com o caso de uma menina que indo à comunhão, passou pela desdita de assistir a uma sua colega afogar-se. Daí em diante, freqüentemente, em crise

histórica, assumia o lugar da colega morta, fazendo-se passar por tal. Não tardou que suas irmãs e algumas vizinhas manifestassem sintomas idênticos, dizendo-se vítimas de possessão e fazendo, durante o transe, estranhas previsões e predições. A epidemia alastrou-se e o demo tornou-se cidadão local. De maneira geral, prova de que as possuídas eram agentes dos demônios, todos os convulsos manifestavam aversão e repugnância pela igreja e seus emissários, de tal forma que, já, mais tarde, rezas e práticas tais em nada resultavam. E um mês depois de iniciado o surto demoníaco, por autêntico fenômeno de mimetismo, hoje facilmente compreensível, havia 300 possuídas numa população de 2.000 pessoas, tôdas sentindo-se asfixiadas pelas garras do diabo que, assiduamente, lhes subia pelo pescoço.

Foi assim que, graças ao pensamento filosófico dominante nos séculos XVIII e XIX, à vulnerabilidade dos processos científicos então postos em prática e a uma acentuada tendência ao romantismo materialismo, floresceu uma nova doutrina que teve em Mesmer o seu expoente máximo: o magnetismo.

Assim, como decorrência da marcada tendência metafísica na interpretação dos fenômenos naturais e trazendo para os limiares de uma era de redescobrimientos, a lembrança de séculos de misticismo e de influências mágico-demoníacas, volta-se o homem para a natureza e seus misteriosos encantamentos. A origem da vida, o princípio vital, a força propulsora de tôdas as energias, a representação da parte na harmonia do todo, são problemas que, simultaneamente, atormentam e extasiam, entorpecem e deslumbram o pensamento humano. Busca-se conhecer avidamente o «*primum movens*» a origem das coisas, algo que seja a análise e a síntese da vida, aquêlê imponderável e inalcançável que entrelace as partículas e as personalise dentro do conjunto.

As forças cósmicas ressaltam de importância e a onipresença do «éter» socorre, inclusive aos animistas, os que pensam, como Stahl, que o corpo apodreceria se a alma, donde lhe provém a vida, sucumbisse. Para Hoffmann, o éter está em tudo, na seiva das plantas, na luz das estrelas, na energia do san-

gue, na vitalidade do cérebro. E finalmente, como insistia Herder, um só princípio vital parece dominar em a natureza e tal princípio é o fluido etéreo ou elétrico.

Os primeiros trabalhos e pesquisas sôbre a eletricidade, nova «vedette» da ciência, empolgam tôdas as camadas (e com muita razão, pode-se positivar hoje). Lavoisier, Laplace, Galvani, Berthollet, são nomes populares e fâcilmente se divulgam.

Se o homem — pensa-se então — é um fruto da terra e um produto do meio, como não conceber e acreditar que esteja também sujeito à superior influência das mutações dêsse meio? Saúde e doença são apenas conseqüências e flutuações subordinadas às contingências do meio e à interferência das variações do conjunto. A eletricidade está em tudo porque é tudo. É ela que, em última análise move e subordina os astros, que dá luz ao sol, calor à luz, vida às plantas, idéias ao pensamento. A magia dos demônios e dos santos encontra assim uma variante na magia das forças naturais. E finalmente se compreende que o que atrai as pessoas ou as repele é a mesma «simpatia» que aproxima ou que afasta os dois polos de ímãs diferentes. Se de um lado eram lembradas as palavras de Paracelso:— «o homem se acha ligado ao grande Todo por forças múltiplas», que não se desmerecesse também o conceito de Wirtig segundo o qual, tudo no mundo está relacionado reciprocamente por ondas de simpatia e de magnetismo.

Fludd, que vivera um século antes é saudosamente lembrado: — «O homem é um mundo pequeno, dotado de forças magnéticas, com dois polos e um equador; quando dois indivíduos se encontram, produz-se magnetismo».

Athanasius Kircher e Galvani são adeptos do nascente magnetismo. Também o são, Kaech, Tischner, Paracelso, Klaerich, Weber, La Condamine. Para êste último, o polo norte do ímã mitigava as dores dos olhos enquanto o polo sul as agravava, informando além disso serem absolutamente ineficazes os toques nas dores dos malares. Quanto às dores de dentes, aí, sim, não se conhecia melhor recurso...

Percebem os leitores o quanto de

empírico havia nos conceitos emitidos por médicos sobre problemas fundamentais. Desde então já se percebia que o que realmente influia nos resultados obtidos pelos imãs não era, absolutamente, a ação de tais instrumentos, e sim, exclusivamente, o componente pessoal e o estado de receptividade dos próprios pacientes, tanto aqui, como lá, nos casos de possessões pelos demônios (e pelos santos), mais ou menos sensíveis ao fator sugestivo. A certeza ou a crença no poder elétrico da imantação, a confiança num processo moderno e divulgado por grandes nomes da ciência, levava-os com facilidade e se deixarem impregnar o suficiente para sofrerem

êste ou aquêle benefício terapêutico. Como acontece ainda hoje com as «rezas», benzeduras, passes espíritas, orações cristãs, neuroses taumatúrgicas, águas de fontes miraculosas. E com a própria hipnose que outra coisa não é que a sugestão manejada em sua mais alta essência. A mesma sugestão que foi o «instrumento de trabalho» dos santos e demônios da Idade Média. Idade Média que, no setor da demonologia — sem qualquer alusão às crenças do Sr. Cassella — parece alongar-se ainda até os dias de hoje...

(continua)

A seguir: — «Corpo e Alma»

A Cadeira de Parapsicologia

A lição do CRISTIANISMO paganizado

Com os título e sub-título acima, ousámos abertamente manifestar a nossa opinião contrária ao projeto dos snrs. deputados Campos Vergal e Xavier de Araujo, determinando a criação da cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do País, como se poderá ver pelo artigo de fundo do n.º 1, ano III, da edição de nossa revista «Revelação», correspondente a Janeiro do corrente ano.

Não foi preciso esperar muito tempo, como de regra sucede em casos dessa natureza, para se verificar que estávamos com a razão — o que sinceramente nos entenece, levando-nos a render graças ao Onipotente por haver permitido que fôssemos, então, bem inspirados na defesa dos sagrados princípios do Espiritismo Evangélico.

Que estávamos com a razão é o que demonstra a entrevista concedida pelo nosso abalizado confrade argentino, engenheiro Sr. José S. Fernandez, homem de ciência e Presidente do Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, aos nossos caros colegas de «MUNDO ESPÍRITA», e que vem publicada na edição de 30 de Junho último.

O dr. José S. Fernandez, informa o jornal em apreço, «conservando se fiel à convicção espírita, divergiu da orientação materialista, que alguns parapsicologis-

tas, estavam imprimindo áquela Sociedade (refere-se o articulista de «Mundo Espírita» à Sociedade e Instituto Argentino de Parapsicologia, de que o nosso confrade Fernandez foi presidente) e, por isso, preferiu afastar-se a abandonar sua posição, pois sua preocupação era justamente levar a Parapsicologia para a concepção espiritualista e, não, para o materialismo».

Exatamente como prevíamos haveria de suceder aos estudos de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina, contrariamente aos desígnios dos prestimosos confrades que insuflaram aos aludidos deputados a criação de tal cadeira nos estabelecimentos superiores de ensino médico, ainda completamente sob o guante das idéias absorventemente materialistas e ateístas, malgrado a catolicidade de muitos catedráticos que de religião só conhecem as pompas e as exterioridades ritualísticas.

À primeira pergunta que lhe foi feita: («Como é que o prezado confrade encara, atualmente, a situação da Parapsicologia?»), respondeu o engenheiro Fernandez, entre outras coisas: «A Parapsicologia é, hoje, uma ciência oficialmente reconhecida pelas mais importantes Universidades da America e do Velho Mundo». «Dentro das cátedras

universitárias, a Parapsicologia ainda se mantém na «investigação pura» (*sic*), embora avançando nas aplicações, notadamente quanto aos fenômenos de percepção extra-sensorial (fora dos sentidos materiais), sem o que tais estudos perderiam o interesse. Acontece, no entanto, que esta ordem de investigações não obriga a definições terminantes sobre a aceitação ou a negação da tese espiritualista da imortalidade da alma. Podemos dizer, portanto, que no momento atual predominam os parapsicólogos materialistas ou agnósticos nos ambientes universitários; entretanto, já se encontram muitos parapsicólogos espiritualistas (declarados ou não) entre os grandes mestres».

— Como considera as relações da Parapsicologia com o Espiritismo? — foi a segunda pergunta que lhe fizeram os nossos colegas de «Mundo Espírita»; assim respondendo o dr. José S. Fernandez:

— Considero o Espiritismo uma DOCTRINA INTEGRAL, de tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso (ou espiritual). Êstes três aspectos são inseparáveis e complementares, mas são suscetíveis de aprofundamento, individualmente. Ora, do aspecto científico, quando os fenômenos foram estudados por William Crookes, nasceu a investigação psíquica, de que diretamente deriva a atual Parapsicologia universitária. Neste terreno, a fim de que se pudesse proceder com o rigorismo exigido para o reconhecimento oficial da Parapsicologia, foi necessário selecionar os fenômenos que mais se adaptassem aos clássicos métodos das outras ciências. Assim, por exemplo, os fenômenos de percepção extra-sensorial,

hàbilmente verificados pelo Prof. Rhine, com suas já notórias experiências das cartas de Zener. Logo depois vieram os fenômenos de *psíco-kinesia*, também comprovados no *abstrato* com o movimento de «dados», dirigido mentalmente pelos «dotados». Através de tais experiências, ficaram bem reconhecidos dois tipos de atitude da alma ou da mente (segundo a terminologia parapsicológica de Rhine): 1.º) — o conhecimento das coisas sem o uso dos sentidos humanos; 2.º) — a ação da mente (alma) sobre a matéria, sem empregar os mecanismos corporais nem agentes físicos.»

«Apesar de tudo isso — continua o nosso confrade argentino — atualmente já se impõe a extensão do campo fenomênico dentro da Parapsicologia oficial, para salvá-la da esterilidade e projetá-la para o luminoso futuro espiritual e humanista.»

Foi para salvar o Espiritismo dessa esterilidade do ambiente das atuais Universidades materialistas, a que naturalmente desejaria confiná-lo a perfídia clericalista com o reconhecimento oficial da Parapsicologia, que já manifesta essa esterilidade, de que a quer salvar o confrade José Fernandez e a conseqüente tentativa de proibição das práticas espíritas, a exemplo do que o paganismo fez com o Cristianismo, que demos o nosso grito de alerta, agora reproduzido pelo eco das palavras prestigiosas do entrevistado de «Mundo Espírita».

Que os nossos confrades ouçam a advertência — é o que pedimos a Deus.

Arnaldo S. Thiago

Revista Internacional do Espiritismo

Aviso aos nossos prezados assinantes

Em virtude do elevado aumento de preços do material gráfico, principalmente o do papel, que teve o seu custo aumentado para duas vezes mais e, tendo ainda a acrescentar a elevação da tarifa postal que vem agravar duramente a situação financeira da nossa Revista, somos obrigados, muito contra nossa vontade, a alterar, desta data em diante, os preços das assinaturas, que passarão a ser os seguintes:

Assinatura anual, Cr. \$ 250,00; Semestral, Cr. \$ 130,00; Número avulso, Cr. \$ 25,00

Apelamos, também, aos nossos prezados assinantes em atraso, a efetuarem com urgencia seus pagamentos, do contrário, seremos forçados pela necessidade, embora contra o nosso habito, a suspender a remessa da Revista.

A REDAÇÃO

Serões Bíblicos - VII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Cristianismo? ou mosaísmo!

Chilon — Hoje, prezado Árago, eu desejaria fizesseis um paralelo entre mosaísmo e cristianismo. Se é que estais disposto a falar sôbre êste assunto, podeis discorrer que sou todo ouvidos.

Árago — Tu me ajudarás, então, fazer isto, respondendo-me o que te vou perguntando.

Chilon — Aceito a condição.

Árago — Dize-me, para começar, que quer dizer religião?

Chilon — Vejamos o que diz aqui o dicionário «Petit Larousse illustré», que tenho à mão: RELIGION n. f. (lat *religio*; de *re* préf., et *ligare* *liar*); quer dizer que religião (do lat. *religio*, derivado de *religare*, onde *re* significa tornar, e *ligare*, ligar) é um sentimento de respeito, de acatamento, para com um Ser Essencial e Supremo do qual tudo derivou, e para o qual tudo retorna agora por evolução. Religião seria a tornada ou volta para Deus, ou religamento com êle. O fim da religião é religar a criatura com o Criador. E como Deus é Espírito, e religião, o ato de ir para Deus, vale dizer que religião é ato de ir para o Espírito, ou seja, espiritualizar-se, moralizar-se, tornar-se bom.

Árago — Respondeste bem. Mas tu disseste que religião é espiritualização; ora, evolução também é espiritualização; ou negas isto?

Chilon — Não o nego; afirmo-o: evolução é espiritualização, pois ela nos mostra um crescendo para um complexo cada vez mais refinado, até que surge, no pináculo, como uma apoteose, a inteligência condoreira do gênio, a vontade diamantina do herói e do martir, a sensibilidade hiperaguçada do artista e a bondade do santo.

Árago — Logo, religião e evolução se equivalem, não é?

Chilon — Sim, de modo amplo, sim...

Árago — Atenção para mais isto: disseste que religião é ato de religar; ora, religar quer dizer ligar de novo; portanto, estava ligado antes, de onde

se desligou depois, para que agora possa religar. Se tu disseste que evolução é a volta para Deus, o que volta é porque saiu antes, e agora retorna; não é assim?

Chilon — A etimologia da palavra religião diz isso; também o afirma o sentido da evolução; e nisto estão concordes tôdas as religiões da Terra.

Árago — Bem. Deixemos estas acrologias para outra oportunidade. Dize-me, agora, de acordo com a definição que deste, qual é a melhor religião da Terra?

Chilon — Essa pergunta caber-me-ia a mim fazer-vos, visto como a não sei responder.

Árago — Responde-me, e responder-te-ás: Tu não disseste que religião é religamento? que é volta para Deus? que é a mesma evolução, quando esta penetra o plano espiritual? Se evolução é espiritualização, qual é a melhor religião?

Chilon — Agora entendi. A melhor religião é aquela que mais e melhor espiritualiza.

Árago — E tu me propuseste estudarmos o mosaísmo ao lado do cristianismo. Qual pois das duas religiões é a melhor? isto é; qual a que mais espiritualiza o homem?

Chilon — Ora, ora prezado Árago! essa é pergunta que se faça? É peremptório, mais que axiomático, que a melhor religião é o cristianismo, e antes que me pergunteis, dou o porquê! Como poderá ser boa uma religião, como o mosaísmo, que não fala nunca na sobrevivência da alma, nem nas penas e recompensas futuras?

Árago — Calma, Chilon! Êsse teu açodamento não se recomenda a um filósofo! Reflete comigo: quem fundou o mosaísmo foi Moisés. E Moisés foi criado e educado por Termutis, provavelmente, filha do faraó Seti I, pai de Ramsés II. Segundo o relato obtido através de pesquisas arqueológicas, o povo de Israel esteve no Egito durante a dominação dos semitas hicsos, que eram reis pastores. A escravidão hebréia deu-se

no período que vai de 1 555 a 1 090, a. C., nas dinastias que vão de XI a XX. O «rei que não conhecia a José» (Êx. 1, 8) era Ramsés II, da XVIII.^a dinastia. Aqui começou a escravidão hebréia, e a história de Moisés salvo das águas e educado por Termutis que era irmã do faraó Ramsés II, filhos ambos de Seti I, como já ficou dito. O salvamento das águas, se não foi uma repetição, é cópia do fato ocorrido com o rei Sargão I (2 360 a. C.), conforme o referem os cuneiformes neobabilônicos. Mas que Moisés, sendo hebreu, foi criado e educado por egípcios, isso é um fato que não só demonstra sua cultura superior, como ainda, seu próprio nome Mâose, que é egípcio e não hebreu.

— Ora, sendo Moisés valido da princêsa, tinha tôdas as regalias, e por isso teve por mestres todos os sábios e magos do vale do Nilo. Não te parece que é assim ?

Chilon — A mim me parece que assim é; e sendo Moisés um gênio, assimilou tudo o que havia nos templos, que eram as academias da época. É mais que isto :

— Segundo Sílvio Gesell, Moisés teria até conhecido a pólvora com seu sogro Getro, e tanto que fazia saltar as rodas aos carros egípcios; reduziu a nada o bando sedicioso de Datã, Coré e Abirão; produziu colunas de fumo, de dia, e de fogo, de noite; com êste recurso possibilitou a Josué derribar as muralhas de Jericó, fazendo crer, para honra de Jeová, que tudo eram fôrças de toques de cornetas. Com êste fogo foram fulminados os dois filhos de Arão, quando, sem as devidas regras e precauções, foram oferecer incenso a Jeová (Lev. 10, 1 a 2). Até as Tábuas da Lei foram «recebidas» por entre tiros de ronqueiras e de fumaças no cimo do monte, de onde Moisés tornava meio chamuscado, sendo preciso cobrir-se com uma carapuça (Êx. 34, 29 a 35). No Êxodo, capítulo 30, versículo de 23 a 38, existe nada menos do que uma receita de explosivos; é por isso que acrescenta: «O homem que fizer tal como êste para cheirar, será extirpado do seu povo» (vers. 33 e 38); pudera... pois explodia !

Árago—Louvo-te a erudição. Continuemos: nessas academias, como di-

zes, existiam os hieróglifos referentes a Akhenaton o qual, segundo Charles F. Potter, foi «o primeiro pacifista, o príncipe realista, o primeiro monoteísta, o primeiro democrata, o primeiro herege, o primeiro internacionalista, o primeiro humanista e a primeira pessoa que tentou fundar uma religião» (História das Religiões, 15). Êste Akhenaton fracassou no seu intento, por falta de habilidade psicológica. Sua religião não era para bárbaros, e êle estava no meio de selvagens. Não te cabe na cabeça que Moisés copiou de Akhenaton o seu Deus, e Jeová é o mesmo Aton barbarizado para uso de selvagens e escravos? Se afirmaste que Moisés era gênio e não papalvo, havia êle de ter considerado a causa por que fracassou Akhenaton. Que te parece ?

Chilon — A mim me parece tudo isso tão claro como o Sol.

Árago—E lá nos templos, é possível que Moisés não tenha pôsto os olhos no «Livro dos Mortos», e noutros livros mais ?

Chilon — Ê impossível que os não tivesse manuseado; é certo que os leu, pois sua «Arca do Concêrto», portadora das «Tábuas da Lei», é cópia da «Arca de Amon» de Tebas, que copiara, por sua vez, a dos Sumerianos e a de Zoroastro. Também dêste copiou «a lenda da criação do homem no estado de inocência,—sua tentação pela serpente *Thiamat*, dragão do mar,—a queda de Adamu, isto é, homem negro oposto à virtude de Sarka, homem claro, etc.» (A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 60). Daqui saiu a criação em sete períodos, o homem feito de barro por um «Deus oleiro» etc. (op. cit.). O diabo cristão é criação zoroastrina, e até a tentação de Cristo no deserto pelo diabo, é paródia do que sucedeu com Zoroastro. A ressurreição dos judeus e os conceitos platonicos relativos à sobrevivência e transmigração das almas, são, igualmente, empréstimos tomados ao zoroastrismo. Cristianismo e zoroastrismo são tão conexos, que, segundo Charles Potter, «se a um cristão se perguntasse qual o grande líder religioso, nascido, segundo as escrituras, de uma virgem, salvo na infância, de inimigo poderoso e ciumento, que confundiu sábios com sua jovem sagacidade, começara a pregar aos

trinta anos, fôra tentado pelo diabo no deserto, livrara os possuídos do demônio, curara um cego, realizara muitos outros milagres durante sua campanha, e ensinara existir um Deus supremo de

luz, verdade e bondade—êles responderia logo, provavelmente, «Jesus Cristo. Pelo menos, é o que ensina a Bíblia.»

(Continua)

Crônica Estrangeira

FENÔMENO PSICOMÉTRICO

Voz Informativa, da cidade de México, transcreveu o seguinte do livro «O Conhecimento Supranormal», do Dr. Eugène Osty :

«Diz o Dr. Dufay que um dia, de manhã cedo, o foram buscar por causa de certo suicídio que acabava de ocorrer.

«Um detido acusado de assassinato — continua êste médico — tinha-se enforcado com a gravata, que atou a um pé da cama.

«Deitado de bôca para baixo sôbre o pavimento, teve a coragem de ir escorregando com o esforço das mãos, a ponto de o nó corrediço da gravata o estrangular.

«Quando cheguei com o juiz de instrução já o corpo estava frio.

«O procurador, a quem o juiz de instrução contara a cena de sonambulismo sucedida no dia anterior, manifestou o desejo de ver Maria e eu propus-lhe que aproveitasse a ocasião para falar à jovem sôbre o criminoso que a si mesmo fizera justiça.

«Os magistrados aceitaram a minha proposta. Cortei um pedaço da gravata e embrulhei-o em muitas folhas de papel e atei-o fortemente com barbante.

«Chegámos ao departamento das mulheres, que acabavam de baixar do dormitório e pedimos à irmã vigilante que nos deixasse reunir um momento no seu escritório.

«Fiz sinal à Maria para que nos seguisse, sem lhe dizer uma única palavra e adormeci-a, pondo-lhe a mão na testa.

«Tirei então o embrulho do bolso e pu-lo em suas mãos. Nesse momento começou ela a saltar no assento e atirou fora o embrulho, gritando que não queria tocar naquilo. Quer dizer que, nas prisões, os suicídios se mantêm secretos muito tempo, pois nada relativo ao drama que acabava de ocorrer havia

transparecido no interior do estabelecimento e até a própria religiosa o ignorava.

«—Que encerra êste papel?—perguntei-lhe eu, quando a vi acalmada.

«— É uma coisa que serviu para matar um homem.

«—Um canivete ou um revólver?

«—Não, não... Uma corda... Estou a ver. É uma gravata. Enforcou-se. Mas mande sentar o senhor que está atrás de mim. Tremem-lhe tanto as pernas, que já não pode estar de pé.

«Na verdade, um dos magistrados estava tão emocionado, que todo o corpo lhe tremia.

«— Poderia dizer onde se deu o acontecimento?

«— Foi aqui mesmo. O sr. sabe-o muito bem. É um preso.

«— E porque estava preso?

«— Por ter assassinado um homem que lhe pedira que o levasse na sua carreta?

«— Como foi morto?

«— À machadada.

«— E que fez do machado?

«— Que fez? Espere. Vejo-o na água. No fundo da água.

«E com bastante exatidão indicou o sítio onde estava. No mesmo dia fizeram investigações na presença de uma autoridade rural e descobriram a arma.»

De «*Estudos Psíquicos*»



SANTO MORTO SALVA-OS DE FUZILAMENTO

De «*Two Worlds*»

Kuntcher saltou de sua cama, com seu coração aos saltos — o sonho fôra tão vívido e impressionante que êle estava banhado em suor gelado.

Êle pensou estar sentado em seu gabinete, quando a porta se abriu e en-

trou um homem velho com um rosto bondoso, que colocou suas mãos sobre os seus ombros de modo paternal e disse: «Meu filho, não execute a ordem que você recebeu. Eu prometo que você e seus homens voltarão ilesos a suas casas».

Antes e no mesmo dia, Jan Kuntcher, comandante militar alemão do distrito de Filiatra, Grécia, recebera ordem de fusilar 20 reféns tirados dos habitantes da vila. Esta severa punição era destinada a vingar uma ação de guerrilha em que foram mortos quatro soldados alemães que voltavam de um patrulhamento.

Era no inverno de 1944. A ocupação alemã da Grécia era rude realidade. Mas Kuntcher relutava em executar a ordem, especialmente depois de seu sonho.

Estava Maravilhado

Na noite seguinte, de novo lhe apareceu o homem idoso e disse:

«Não cumpra a ordem, meu filho. Não derrame esse sangue. Eu serei o seu guardião e de seus soldados».

De manhã Kuntcher chamou quatro sacerdotes de Filiatra e visitou as igrejas do distrito. Ele supôs que seu visitante, em sonho, poderia ser um santo local. Se assim fôsse, ele estava certo de reconhecer a sua imagem na parede do templo.

Dentro da igreja, ele ficou espantado diante da imagem do Santo Haralampos. Seus olhos encheram-se de lá-

grimas e com voz trêmula exclamou: «É este o homem velho!»

Ele caiu de joelhos e orou durante uma hora. Profundamente emocionados ante o espetáculo, também os quatro sacerdotes ajoelharam e agradeceram ao Santo a sua intervenção.

Voltando ao seu gabinete, Kuntcher rasgou a ordem do Quartel General. Foram poupadas as vidas dos vinte moradores da aldeia.

Como fôra prometido em sonho, Kuntcher e seus soldados voltaram, alguns meses depois, felizmente à Alemanha.

Igual a um sonho

Nove anos passados, em 1953, ao se aproximar o dia 10 de fevereiro, dia do Santo Haralampos, de novo e em sonho, o velho visitou Kuntcher e lhe disse:

«Você deve voltar ao lugar em que proclamou sua fé em Deus. Todos o receberão com amor».

Em companhia de sua mulher, Kuntcher fez a viagem em auto, chegando a Filiatra a 12 de fevereiro, dois dias depois do dia Santo local. Ele foi recebido com grande entusiasmo e honrarias. Houve festas e banquetes.

Tudo parecia um sonho... até que encontrou alguns que ele deveria ter mandado fuzilar. Então, ele estava certo de não ter sonhado... nove anos antes.

A história de Kuntcher foi relatada em «Psychic World», Revista Espírita Grega.

Espiritismo no Brasil

III Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

a realizar-se de 1.º a 5 de Novembro de 1961 — Secretaria, Rua Guarani, n. 315
Fône 4-3038 — BELO HORIZONTE

Diretrizes

A hora é tal, que nenhum recurso deve ser perdido. Passou o momento das tentativas. A experiência acumulada não nos permite divagações quando a humanidade toda anseia pelo alimento de Luz Espiritual colhido na seara em que pretendéis jornadas. O ciclo histórico traz

ao cenário atual forças imensas desperdadas pelo intelecto e provadas no fogo das experiências sociais que não forjado as coletividades.

Embora muitas gerações tenham cumprido satisfatório percurso sobre o planeta, candidatando-se às revelações superiores, defrontamo-nos com a multiplicidade do ritmo evolutivo e pelas di-

ferenças de idades espirituais de homens e povos que se ombreiam. Alguns, com a responsabilidade de servir, outros com as necessidades de aprendizado...

A Doutrina dos Espíritos de há muito, em nosso meio, já ultrapassou a fase de seita e entendê-la como tal é retrogradar. Por outro lado, aspectos característicos situam-na como *DOCTRINA* e como tal é sentida e vivida.

Urge, todavia, compreender que passado é igualmente o tempo das Doutrinas e das seitas e, na medida em que o homem se afirma e se integra simultaneamente, investe-se de poderes e responsabilidades. Seu pensamento compreende o coletivo em que vive, discerne as correntes em que vibra e, desde então, êle é livre e nenhum estatuto lhe conviria.

Compreendam então a difícil posição do legítimo Espiritismo que, considerado como agrupamento religioso típico, tem nos seus fundamentos os postulados da Universalidade e da Tolerância.

Difícil é, portanto, dar-vos, em face das considerações que precederam, uma diretriz que realmente seja entendida e utilizada. Tenhamos, porém, a suficiente prudência de nos situar no justo meio termo, compreendendo as necessidades de Grupo com fins característicos e órgãos necessários, sem contudo nos afastarmos da rota da integração com toda a humanidade. Dessa atitude indicada decorrem algumas consequências práticas, tais como:

1 — Reconhecer os trabalhos e esforços da CIÊNCIA, ainda que materialista, e procurar compendiar seus resultados, analisando-lhes as informações, com humildade, certos de que nada realmente científico, pode abalar a estrutura da 3.^a Revelação, antes lhe dará mais força e desenvolvimento;

2 — Reconhecer a sinceridade das outras religiões que buscam a Deus e procuremos sentir a diversidade das estruturas psíquicas existentes, evitando assim polêmicas, *ab initio* estéreis;

3 — Rever cuidadosamente a evolução dos métodos da Filosofia, comparando-a com a conceituação espírita, a fim de situá-la sem sofismas ou imprecisões de linguagem;

4 — No desenvolvimento dos itens 1, 2 e 3 acima, evitar o ecletismo e ter

suficiente bom senso para dirigir uma mensagem em termos claros, de tal forma que o Espiritismo possa vir realmente a revelar-se como êle é — Fonte de Luz, desmaterializado de roupagens exclusivistas ou dogmáticas;

5 — Enfim, colocar a Luz Espírita a serviço da Educação e da Felicidade dos homens, exaltando em tôdas as oportunidades o valor do Estudo e da Caridade.

Temário

Das *Diretrizes* e do *Manifesto* subscrito pela Comissão Organizadora do Congresso procuramos extrair a seguinte orientação com respeito aos TEMAS a serem tratados, distribuídos por SECÇÕES, a saber:

A — SECÇÃO CIENTÍFICA:

Os assuntos deverão versar sobre a apresentação de um resultado da Ciência, de livre escolha do autor, que possa ser correlacionado com os princípios espíritas. Na discussão dos resultados, deverá ser concluído se o assunto apresentado corrobora integralmente textos do «Livro dos Espíritos» ou lhe sugere contradita ou modificação.

B — SECÇÃO RELIGIOSA:

Os assuntos devem versar sobre o problema da divulgação do Espiritismo no seio das massas, através da imprensa, do rádio e da posição a ser assumida pelos responsáveis pelo movimento espírita perante a confusão entre Espiritismo, Baixo-Espiritismo, Umbanda, etc.

C — SECÇÃO FILOSÓFICA:

Análise das correntes antigas ou modernas que possam ter influído na elaboração do Espiritismo. Análise das tendências modernas e suas relações com o Espiritismo, inclusive no setor da Arte. Análise dos conceitos espíritas em face da linguagem das diversas escolas filosóficas.

D — PROBLEMAS SOCIAIS:

O problema da Educação sob o ponto de vista espírita. Idem sob o ponto de vista da Democracia. O problema da assistência social à infância ou ao adulto.

A cada Secção corresponderá uma COMISSÃO própria para relato e julga-

mento de Teses, que poderá vir a trabalhar de colaboração com as demais, ou separadamente, conforme seja elevado ou reduzido o número de teses apresentadas.

Nesse caso, cada Comissão deverá elaborar uma «síntese» das conclusões, sucinta, que será apresentada com tôdas as demais em reunião plena e solene de encerramento dos trabalhos. Essa síntese final levará a assinatura de todos os membros da Comissão Julgadora e dos autores da tese.

A Comissão Organizadora

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 3 de Junho de 1961

À hora regimental, o Presidente do Conselho faz a prece de início e declara abertos os trabalhos. Manda ler a ATA da reunião anterior, que é aprovada. Em comentário sôbre o desenvolvimento do Espiritismo, o Presidente pede a atenção dos Conselheiros para o progresso da Doutrina, não só no Brasil, como em outras regiões do Mundo, devendo-se êsse fato, em grande parte, à ação da Federação Espírita Brasileira, fazendo traduzir e enviando para o exterior as obras clássicas e as subsidiárias do Espiritismo, em ESPERANTO.

Minas Gerais—O representante da União Espírita Mineira, Dr. Miranda Ludolf, lê carta da Entidade, dando conta dos progressos do setor UNIFICAÇÃO e afirmando a observância do «Pacto Áureo» e, bem assim, das conclusões do III Congresso Espírita Mineiro, havendo instalado, em vários municípios, as Alianças Municipais e designando os representantes nas 14 Regiões Espíritas que comporão o futuro Conselho Federativo Espírita de Minas Gerais.

Guanabara — O Conselheiro Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Estado da Guanabara, comunica o recebimento do Boletim relativo à UNIFICAÇÃO, estando ela empenhada em executá-lo plenamente.

São Paulo — O representante da USE, de S. Paulo, Dr. Luiz Monteiro de Barros, submete ao Conselho algumas sugestões objetivando disciplinar os trabalhos da UNIFICAÇÃO. Apreciando o trabalho, falam sôbre êle, além do Presidente, os representantes de Minas Gerais, Guanabara, Sergipe e Goiás, e, aceita a sugestão da USE, foi autorizado o representante desta a elaborar plano definitivo, para estudo e aprovação do Conselho. Às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante do Rio Grande do Norte, Conselheiro Ismael Gomes Braga, encerrou o Presidente a reunião.

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 1 de Julho de 1961

À hora regimental, o Presidente do Conselho profere a prece inicial e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a Ata da reunião anterior. No expediente, é lido um ofício da Liga Espírita do Estado da Guanabara, apresentando um relatório dos trabalhos do ano findo, a relação das sociedades que lhe são filiadas e das obras de assistência social da Guanabara.

Paraíba — O representante da Federação Espírita Paraibana, Conselheiro Indalício Mendes, comunica a instalação do Curso de Pregadores do Evangelho e o início do 1.º Curso Intensivo de Preparação de Orientadores.

Mato Grosso — O Conselheiro Clemente Martins, representante da Federação Espírita de Mato Grosso, traz ao Conselho notícias gerais das atividades desenvolvidas em todo o Estado.

Lida uma proposta da Liga Espírita do Estado da Guanabara, lembrando a necessidade de ser adotada uma denominação para os representantes de Sociedades Espiritistas, a exemplo de padres, pastôres, rabinos e outras, usadas pelos movimentos religiosos, resolve o Conselho ser desnecessária e desaconselhável a medida.

Após falarem vários Conselheiros, cada qual trazendo notícias referentes ao Estado por êle representado, faz a prece final o representante da Federação Espírita de Pernambuco, após a qual, é encerrada a reunião, às dezesseis horas.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutei recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr\$ 50,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, ve-

reis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis força, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— À venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 180,00.

Médiuns e Mediunidades

Este apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. É um trabalho sintético e bem cla-

ro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

À venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 50,00.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos :

O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo ?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de « Transporte »
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances :

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Scaâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís :

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.\$250,00

Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.\$25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUIRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

